



**SIGMUND FREUD COM UM GRUPO DE SEUS COLABORADORES
MAIS PRÓXIMOS**

Rank, Abraham, Eitingon, Jones, Freud, Ferenczi, Sachs
(1920)

EDIÇÃO STANDARD BRASILEIRA
DAS OBRAS PSICOLÓGICAS COMPLETAS DE

SIGMUND FREUD

Com os Comentários e Notas de James Strachey

Em colaboração com
ANNA FREUD

Assistido por
ALIX STRACHEY E ALAN TYSON

VOLUME XIV (1914-1916)

**A HISTÓRIA DO MOVIMENTO PSICANALÍTICO
ARTIGOS SOBRE METAPSICOLOGIA
e
OUTROS TRABALHOS**

Traduzido do Alemão e do Inglês, sob a Direção-Geral de
JAYME SALOMÃO

Membro-Associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise do
Rio de Janeiro. Membro da Associação Psiquiátrica do Rio de
Janeiro. Membro da Sociedade de Psicoterapia Analítica de
Grupo do Rio de Janeiro

Tradução de
**THEMIRA DE OLIVEIRA BRITO, PAULO HENRIQUES BRITTO E
CHRISTIANO MONTEIRO OITICICA**

Revisão Técnica de
DARCY DE MENDONÇA UCHÔA

Professor Catedrático de Psiquiatria na Escola Paulista de Medicina.
Presidente da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo
Analista-Didata do Instituto de Ensino da Sociedade Brasileira
de Psicanálise de São Paulo

IMAGO EDITORA LTDA.
Rio de Janeiro

OS INSTINTOS E SUAS VICISSITUDES

Ouvimos com freqüência a afirmação de que as ciências devem ser estruturadas em conceitos básicos claros e bem definidos. De fato, nenhuma ciência, nem mesmo a mais exata, começa com tais definições. O verdadeiro início da atividade científica consiste antes na descrição dos fenômenos, passando então a seu agrupamento, sua classificação e sua correlação. Mesmo na fase de descrição não é possível evitar que se apliquem certas idéias abstratas ao material manipulado, idéias provenientes daqui e dali, mas por certo não apenas das novas observações. Tais idéias — que depois se tornarão os conceitos básicos da ciência — são ainda mais indispensáveis à medida que o material se torna mais elaborado. Devem, de início, possuir necessariamente certo grau de indefinição; não pode haver dúvida quanto a qualquer delimitação nítida de seu conteúdo. Enquanto permanecem nessa condição, chegamos a uma compreensão acerca de seu significado por meio de repetidas referências ao material de observação do qual parecem ter provindo, mas ao qual, de fato, foram impostas. Assim, rigorosamente falando, elas são da natureza das convenções — embora tudo dependa de não serem arbitrariamente escolhidas mas determinadas por terem relações significativas com o material empírico, relações que parecemos sentir antes de podermos reconhecê-las e determiná-las claramente. Só depois de uma investigação mais completa do campo de observação, somos capazes de formular seus conceitos científicos básicos com exatidão progressivamente maior, modificando-os de forma a se tornarem úteis e coerentes numa vasta área. Então, na realidade, talvez tenha chegado o momento de confiná-los em definições. O avanço do conhecimento, contudo, não tolera qualquer rigidez, inclusive em se tratando de definições. A física proporciona excelente ilustração da forma pela qual mesmo 'conceitos básicos', que tenham sido estabelecidos sob a forma de definições, estão sendo constantemente alterados em seu conteúdo.¹

Um conceito básico convencional dessa espécie, que no momento ainda é algo obscuro, mas que nos é indispensável na

¹ Uma linha de raciocínio semelhante foi desenvolvida no artigo sobre narcisismo (1914c, pág. 94 acima).]

psicologia, é o de um 'instinto'.¹ Tentemos dar-lhe um conteúdo, abordando-o de diferentes ângulos.

Em primeiro lugar, do ângulo da *fisiologia*. Isso nos forneceu o conceito de um 'estímulo' e o modelo do arco reflexo, segundo o qual um estímulo aplicado ao tecido vivo (substância nervosa) a partir de fora é descarregado por ação para fora. Essa ação é conveniente na medida em que, afastando a substância estimulada da influência do estímulo, remove-a de seu raio de atuação.

Qual a relação do 'instinto' com o 'estímulo'? Nada existe que nos impeça de subordinar o conceito de 'instinto' ao de 'estímulo' e de afirmar que um instinto é um estímulo aplicado à mente. Mas de imediato ficamos prevenidos contra igualar instinto e estímulo mental. Existem evidentemente outros estímulos à mente, além daqueles de natureza instintual, estímulos que se comportam muito mais como fisiológicos. Por exemplo, a luz forte que incide sobre a vista, não é um estímulo instintual; já a secura da membrana mucosa da faringe ou a irritação da membrana mucosa do estômago o são.²

Obtivemos agora o material necessário para traçarmos uma distinção entre os estímulos instintuais e outros estímulos (fisiológicos) que atuam na mente. Em primeiro lugar, um estímulo instintual não surge do mundo exterior, mas de dentro do próprio organismo. Por esse motivo ele atua diferentemente sobre a mente, e diferentes ações se tornam necessárias para removê-lo. Além disso, tudo que é essencial num estímulo fica encoberto, se presumimos que ele atua com um impacto único, podendo ser removido por uma única ação conveniente. Um exemplo típico disso é a fuga motora proveniente da fonte de estimulação. Esses impactos podem, como é natural, ser repetidos e acrescidos, mas isso em nada modifica nossa noção a respeito do processo e as condições para a eliminação do estímulo. Um instinto, por outro lado, jamais atua como uma força que imprime um impacto *momentâneo*, mas sempre como um impacto *constante*. Além disso, visto que ele incide não a partir de fora mas de dentro do organismo, não há como fugir dele.

¹ ['*Trieb*' no original. Ver Nota do Editor Inglês, pág. 129.]

² Presumindo-se, naturalmente, que esses processos internos sejam a base orgânica das respectivas necessidades de sede e de fome.

O melhor termo para caracterizar um estímulo instintual seria 'necessidade'. O que elimina uma necessidade é a 'satisfação'. Isso pode ser alcançado apenas por uma alteração apropriada ('adequada') da fonte interna de estimulação.

Imaginemo-nos na situação de um organismo vivo quase inteiramente inerte, até então sem orientação no mundo, que esteja recebendo estímulos em sua substância nervosa.¹ Esse organismo muito em breve estará em condições de fazer uma primeira distinção e uma primeira orientação. Por um lado, estará cômico de estímulos que podem ser evitados pela ação muscular (fuga); estes, ele os atribui a um mundo externo. Por outro, também estará cômico de estímulos contra os quais tal ação não tem qualquer valia e cujo caráter de constante pressão persiste apesar dela; esses estímulos são os sinais de um mundo interno, a prova de necessidades instintuais. A substância perceptual do organismo vivo terá assim encontrado, na eficácia de sua atividade muscular, uma base para distinguir entre um 'de fora' e um 'de dentro'.²

Chegamos assim à natureza essencial dos instintos, considerando em primeiro lugar suas principais características — sua origem em fontes de estimulação dentro do organismo e seu aparecimento como uma força constante — e disso deduzimos uma de suas outras características, a saber, que nenhuma ação

¹ [A hipótese que se segue, concernente ao comportamento de um organismo vivo primitivo, e o postulado de um 'princípio de constância' fundamental foram enunciados em termos semelhantes em algumas das mais antigas obras psicológicas de Freud. Ver, por exemplo, o Capítulo VII, Seções C e E, de *A Interpretação de Sonhos* (1900a), Edição *Standard* Brasileira, Vol. V, pág. 602, IMAGO Editora, 1972. Mas fora expressa ainda mais cedo em termos *neurológicos* em seu 'Projeto' de 1895 (1950a, Parte I, Seção 1), de publicação póstuma, bem como, mais sucintamente, em sua conferência sobre a 'Comunicação Preliminar' de Breuer e Freud (1893h) e no penúltimo parágrafo de seu artigo em francês sobre paralisias histéricas (1893c). Freud voltou à hipótese mais uma vez, nos Capítulos I e IV de *Beyond the Pleasure Principle* (1920g), *Standard Ed.*, 18, 1 e segs. e 26 e segs., e reconsiderou-o em 'The Economic Problem of Masochism' (1924c). Cf. nota de rodapé, pág. 141 adiante.]

² [Ver adiante, pág. 155 e segs. Freud tratou do assunto posteriormente em seu artigo sobre 'Negation' (1925h) e no Capítulo I de *O Mal-Estar na Civilização* (1930a), Edição *Standard* Brasileira, Vol. XXI, IMAGO Editora, 1974.]

de fuga prevalece contra eles. No decorrer do presente exame, contudo, não podemos deixar de nos surpreender com alguma coisa que nos obriga a admitir algo mais. Para nossa orientação, ao lidarmos com o campo de fenômenos psicológicos não nos limitamos a aplicar ao nosso material empírico certas convenções à guisa de *conceitos* básicos; também empregamos um bom número de *postulados* complicados. Já fizemos alusão ao mais importante destes, bastando-nos agora enunciá-lo expressamente. Esse postulado é de natureza biológica e utiliza o conceito de 'finalidade' (ou talvez de conveniência), podendo ser enunciado da seguinte maneira: o sistema nervoso é um aparelho que tem por função livrar-se dos estímulos que lhe chegam, ou reduzi-los ao nível mais baixo possível; ou que, caso isso fosse viável, se manteria numa condição inteiramente não-estimulada.¹ Não façamos objeção por enquanto à indefinição dessa idéia e atribuamos ao sistema nervoso a tarefa — falando em termos gerais — de *dominar estímulos*. Vemos então até que ponto o modelo simples do reflexo fisiológico se complica com a introdução dos instintos. Os estímulos externos impõem uma única tarefa: a de afastamento; isso é realizado por movimentos musculares, um dos quais finalmente atinge esse objetivo e, sendo o movimento conveniente, torna-se a partir daí uma disposição hereditária. Não podemos aplicar esse mecanismo aos estímulos instintuais, que se originam de dentro do organismo. Estes exigem muito mais do sistema nervoso, fazendo com que ele empreenda atividades complexas e interligadas, pelas quais o mundo externo se modifica de forma a proporcionar satisfação à fonte interna de estimulação. Acima de tudo, obrigam o sistema nervoso a renunciar à sua intenção ideal de afastar os estímulos, pois mantêm um afluxo incessante e inevitável de estimulação. Podemos, portanto, concluir que os instintos, e não os estímulos externos, constituem as verdadeiras forças motrizes por detrás dos progressos que conduziram o sistema nervoso, com sua capacidade ilimitada, a seu alto nível de desenvolvimento atual. Naturalmente, nada existe que nos impeça de supor que os próprios instintos sejam, pelo menos em parte, precipitados dos

¹ [Este é o 'princípio de constância'. Ver nota de rodapé 1 acima pág. 139].

efeitos da estimulação externa, que no decorrer da filogênese ocasionaram modificações na substância viva.

Quando ainda verificamos que até mesmo a atividade do aparelho mental mais desenvolvido está sujeita ao princípio de prazer, isto é, que ela é automaticamente regulada por sentimentos pertencentes à série prazer-desprazer, quase não podemos rejeitar a hipótese ulterior, segundo a qual esses sentimentos refletem a maneira pela qual o processo de dominação de estímulos se verifica — certamente no sentido de que os sentimentos desagradáveis estão ligados a um aumento e os sentimentos agradáveis a uma diminuição do estímulo. Preservaremos cuidadosamente, contudo, essa suposição em sua atual forma altamente indefinida, até conseguirmos, caso possível, descobrir que espécie de relação existe entre o prazer e o desprazer, por um lado, e flutuações nas quantidades de estímulo que afetam a vida mental, por outro. É certo que grande número de várias relações dessa espécie, e relações não muito simples, são possíveis.¹

¹ [Ver-se-á que os dois princípios estão aqui envolvidos. Um deles é o 'princípio de constância' (veja acima, pág. 140, e nota de rodapé 1, pág. 139). É novamente enunciado em *Beyond the Pleasure Principle*, 1920g, Capítulo I (*Standard Ed.*, 18, 9), como se segue: 'O aparelho mental esforça-se por manter a quantidade de excitação nele presente tão baixa quanto possível, ou pelo menos em mantê-la constante.' Para esse princípio Freud, na mesma obra (*ibid.*, 56), adotou a expressão 'princípio do Nirvana'. O segundo princípio em jogo é o 'princípio do prazer', enunciado no início do parágrafo ao qual a presente nota é acrescentada. É também mencionado mais uma vez em *Beyond the Pleasure Principle* (*ibid.*, 7): 'O curso seguido pelos fatos mentais é automaticamente regulado pelo princípio de prazer... [Esse curso] assume uma direção tal, que seu resultado final coincide com... a fuga do desprazer ou uma produção de prazer.' Freud parece ter presumido, de início, que esses dois princípios eram intimamente correlacionados e mesmo idênticos. Assim, em seu 'Projeto' de 1895 (Freud, 1950a, Parte I, Seção 8) escreve: 'Visto termos certo conhecimento de uma tendência na vida psíquica no sentido de evitar o desprazer, somos tentados a identificar essa tendência com a tendência primária no sentido da inércia (isto é, no sentido de evitar a excitação).' Um ponto de vista semelhante é adotado no Capítulo VII (E) de *A Interpretação de Sonhos* (1900a), Edição *Standard* Brasileira, Vol. V, pág. 636, IMAGO Editora, 1972. No trecho do texto acima, contudo, parece haver dúvida quanto à inteireza da correlação entre os dois princípios. Essa dúvida é levada mais adiante em *Beyond the Pleasure Principle* (*Standard Ed.*, 18, 8 e 63), sendo examinada com certa ampli-

Se agora nos dedicarmos a considerar a vida mental de um ponto de vista biológico, um 'instinto' nos aparecerá como sendo um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida da exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo.¹

Estamos agora em condições de examinar certos termos utilizados com referência ao conceito de instinto — por exemplo, sua 'pressão', sua 'finalidade', seu 'objeto' e sua 'fonte'.

Por pressão [*Drang*] de um instinto compreendemos seu fator motor, a quantidade de força ou a medida da exigência de trabalho que ela representa. A característica de exercer pressão é comum a todos os instintos; é, de fato, sua própria essência. Todo instinto é uma parcela de atividade; se falarmos em termos gerais de instintos passivos, podemos apenas querer dizer instintos cuja finalidade é passiva.²

A finalidade [*Ziel*] de um instinto é sempre satisfação, que só pode ser obtida eliminando-se o estado de estimulação na

tude em 'The Economic Problem of Masochism' (1924c). Freud argumenta ali que os dois princípios não podem ser idênticos, visto existirem, inquestionavelmente, estados de crescente tensão que são agradáveis (por exemplo, excitação sexual), e prossegue, passando a sugerir (o que já fora indicado vagamente nos dois trechos de *Beyond the Pleasure Principle* que acabamos de mencionar) que a qualidade agradável ou desagradável de um estado pode ser relacionada a uma característica temporal (ou ritmo) das modificações na quantidade de excitação presente. Conclui que, em qualquer caso, os dois princípios não devem ser considerados como idênticos: o princípio do prazer é uma modificação do princípio do Nirvana. O princípio do Nirvana, sustenta ele, deve ser atribuído ao 'instinto de morte', e sua transformação em princípio do prazer se deve à influência do 'instinto de vida' ou libido.]

¹ [Ver o exame desse caso na Nota do Editor Inglês, págs. 129-131.]

² [Algumas observações sobre a natureza ativa dos instintos serão encontradas numa nota de rodapé acrescentada em 1915 à Seção 4 do terceiro dos *Três Ensaio*s de Freud (1905d), Edição *Standard* Brasileira, Vol. VII, pág. 225, IMAGO Editora, 1972. Uma crítica a Adler pela incompreensão dessa característica 'premente' dos instintos aparece no final da segunda Seção da Parte III da análise do 'Pequeno Hans' (1909b), *Standard Ed.*, 10, 140-1.]

fonte do instinto. Mas, embora a finalidade última de cada instinto permaneça imutável, poderá ainda haver diferentes caminhos conducentes à mesma finalidade última, de modo que se pode verificar que um instinto possui várias finalidades mais próximas ou intermediárias, que são combinadas ou intercambiadas umas com as outras. A experiência nos permite também falar de instintos que são 'inibidos em sua finalidade', no caso de processos aos quais se permite progredir no sentido da satisfação instintual, sendo então inibidos ou defletidos. Podemos supor que mesmo processos dessa espécie envolvem uma satisfação parcial.

O objeto [*Objekt*] de um instinto é a coisa em relação à qual ou através da qual o instinto é capaz de atingir sua finalidade. É o que há de mais variável num instinto e, originalmente, não está ligado a ele, só lhe sendo destinado por ser peculiarmente adequado a tornar possível a satisfação. O objeto não é necessariamente algo estranho: poderá igualmente ser uma parte do próprio corpo do indivíduo. Pode ser modificado quantas vezes for necessário no decorrer das vicissitudes que o instinto sofre durante sua existência, sendo que esse deslocamento do instinto desempenha papéis altamente importantes. Pode acontecer que o mesmo objeto sirva para a satisfação de vários instintos simultaneamente, um fenômeno que Adler [1908] denominou de 'confluência' de instintos [*Triebverschränkung*].¹ Uma ligação particularmente estreita do instinto com seu objeto se distingue pelo termo 'fixação'. Isso freqüentemente ocorre em períodos muito iniciais do desenvolvimento de um instinto, pon-do fim à sua mobilidade por meio de sua intensa oposição ao desligamento.²

Por fonte [*Quelle*] de um instinto entendemos o processo somático que ocorre num órgão ou parte do corpo, e cujo estímulo é representado na vida mental por um instinto. Não sabemos se esse processo é invariavelmente de natureza química ou se pode também corresponder à liberação de outras forças, por exemplo, forças mecânicas. O estudo das fontes dos instintos está fora do âmbito da psicologia. Embora os instintos sejam

¹ [Dois exemplos disso são dados por Freud na análise do 'Pequeno Hans' (1909b), *Standard Ed.*, 10, 106 e 127.]

² [Cf. adiante, pág. 171.]

inteiramente determinados por sua origem numa fonte somática, na vida mental nós os conhecemos apenas por suas finalidades. O conhecimento exato das fontes de um instinto não é invariavelmente necessário para fins de investigação psicológica; por vezes sua fonte pode ser inferida de sua finalidade.

Devemos supor que os diferentes instintos que se originam no corpo e atuam na mente são também distinguidos por *qualidades* diferentes, e que por isso se comportam de formas qualitativamente diferentes na vida mental? Essa suposição não parece ser justificada; é muito mais provável que achemos suficiente a suposição mais simples — a de que todos os instintos são qualitativamente semelhantes e devem o efeito que causam somente à quantidade de excitação que trazem em si, ou talvez, além disso, a certas funções dessa quantidade. O que distingue uns dos outros os efeitos mentais produzidos pelos vários instintos, pode ser encontrado a partir da diferença em suas fontes. Seja como for, só numa relação ulterior seremos capazes de esclarecer o que significa o problema da qualidade dos instintos.¹

Que instintos devemos supor que existem, e quantos? É óbvio que isso dá ampla margem a escolhas arbitrárias. Não se pode objetar a que qualquer pessoa empregue o conceito de um instinto lúdico ou de destruição ou de estado gregário, quando o assunto o exige e as limitações da análise psicológica o permitem. Não obstante, não devemos deixar de nos perguntar se motivos instintuais como esses, tão altamente especializados, por um lado, não permitem ulterior dissecação de acordo com as *fontes* do instinto, de modo que somente os instintos primordiais — os que não podem ser ulteriormente dissecados — podem reivindicar importância.

Propus que se distingam dois grupos de tais instintos primordiais: os instintos do *ego*, ou *autopreservativos*, e os instintos *sexuais*. Mas essa suposição não tem *status* de postulado necessário, como tem, por exemplo, nossa suposição sobre a finalidade biológica do aparelho mental (pág. 140); ela não passa de uma hipótese de trabalho, a ser conservada apenas enquanto se mostrar útil, e pouca diferença fará aos resultados

¹ [Não está claro que 'relação ulterior' Freud tinha em mente.]

do nosso trabalho de descrição e classificação se for substituída por outra. A ocasião para essa hipótese surgiu no decurso da evolução da psicanálise, que foi empregada pela primeira vez nas psiconeuroses, ou, mais precisamente, no grupo descrito como 'neuroses de transferência' (histeria e neurose obsessiva); estas revelaram que, na raiz de todas as afecções desse tipo, se encontra um conflito entre as exigências da sexualidade e a do ego. É sempre possível que um estudo exaustivo das outras afecções neuróticas (em especial das psiconeuroses narcisistas, das esquizofrenias) possa obrigar-nos a alterar essa fórmula e proceder a uma diferente classificação dos instintos primordiais. Mas, por enquanto, não conhecemos essa fórmula, nem encontramos qualquer argumento desfavorável para traçar esse contraste entre os instintos sexuais e os do ego.¹

Tenho as maiores dúvidas de que se possa chegar a indicadores decisivos para a diferenciação e classificação dos instintos a partir da elaboração do material psicológico. Essa própria elaboração parece exigir, até certo ponto, a aplicação de suposições definidas, concernentes à vida instintual, àquele material, e seria desejável que essas suposições pudessem ser extraídas de algum outro ramo de conhecimento e levadas para a psicologia. Aqui, a contribuição da biologia por certo não vai de encontro à distinção entre os instintos sexuais e os do ego. A biologia ensina que a sexualidade não deve ser colocada em pé de igualdade com outras funções do indivíduo, pois suas finalidades ultrapassam o indivíduo e têm como seu conteúdo a produção de novos indivíduos — isto é, a preservação da espécie. Ela mostra, ainda, que dois conceitos, ao que tudo indica igualmente bem fundamentados, podem ser adotados quanto à relação entre o ego e a sexualidade. De um ponto de vista, o indivíduo é a coisa principal, sendo a sexualidade uma das suas atividades e a satisfação sexual uma de suas necessidades; ao passo que, de outro ponto de vista, o indivíduo é um apêndice temporário e passageiro do idioplasma quase imortal, que é confiado a ele pelo processo de geração.² A hipótese de que a função sexual

¹ [Ver a Nota do Editor Inglês, pág. 134.]

² [Ver nota de rodapé, pág. 95 acima. A mesma particularidade é estabelecida perto do início da Conferência XXVI das *Introductory Lectures* (1916-17).]

difere de outros processos corpóreos em virtude de uma química especial também é, creio eu, um postulado da escola de pesquisa biológica de Ehrlich.¹

Visto que um estudo da vida instintual a partir da direção da consciência apresenta dificuldades quase insuperáveis, a principal fonte de nossos conhecimentos continua a ser a investigação psicanalítica das perturbações mentais. A psicanálise, contudo, em consequência do curso tomado pelo seu desenvolvimento, até agora só tem sido capaz de nos proporcionar informações de natureza razoavelmente satisfatória acerca dos *instintos* sexuais, pois este é precisamente o único grupo que pode ser observado isoladamente, por assim dizer, nas psiconeuroses. Com a extensão da psicanálise às outras afecções neuróticas, sem dúvida encontraremos também uma base para o nosso conhecimento dos instintos do ego, embora seja temerário esperar condições de observação igualmente favoráveis nesse outro campo de pesquisa.

Isso é tudo que pode ser dito à guisa de uma caracterização geral dos instintos sexuais. São numerosos, emanam de grande variedade de fontes orgânicas, atuam em princípio independentemente um do outro e só alcançam uma síntese mais ou menos completa numa etapa posterior. A finalidade pela qual cada um deles luta é a consecução do 'prazer do órgão';² somente quando a síntese é alcançada é que eles entram a serviço da função reprodutora, tornando-se então identificáveis, de modo geral, como instintos sexuais. Logo que surgem, estão ligados aos instintos da autopreservação, dos quais só gradativamente

¹ [Essa hipótese já fora enunciada por Freud na primeira edição de seus *Três Ensaio*s (1905d), Edição Standard Brasileira, Vol. VII, pág. 222n., IMAGO Editora, 1972. Mas ele já a sustentara pelo menos dez anos antes. Ver, por exemplo, o Rascunho I na correspondência de Fliess (1950a), provavelmente escrito em 1895.]

² ['Prazer do órgão' (isto é, prazer ligado a um órgão corpóreo específico) parece ser empregado aqui pela primeira vez por Freud. A expressão é examinada com maior amplitude na parte inicial da Conferência XXI das *Introductory Lectures* (1916-17). A idéia subjacente, sem dúvida, remonta ao terceiro dos *Três Ensaio*s (1905d), Edição Standard Brasileira, Vol. VII, pág. 213, IMAGO Editora, 1972.]

se separam; também na sua escolha objetal, seguem os caminhos indicados pelos instintos do ego.¹ Parte deles permanece associada aos instintos do ego pela vida inteira, fornecendo-lhes componentes libidinais, que, no funcionamento normal, escapam à observação com facilidade, só sendo revelados de maneira clara no início da doença.² Distinguem-se por possuírem em ampla medida a capacidade de agir vicariamente uns pelos outros, e por serem capazes de mudar prontamente de objetos. Em consequência dessas últimas propriedades são capazes de funções que se acham muito distantes de suas ações intencionais originais — isto é, capazes de 'sublimação'.

Nossa investigação sobre as várias vicissitudes pelas quais passam os instintos no processo de desenvolvimento e no decorrer da vida deve ficar confinada aos instintos sexuais, que nos são mais familiares. A observação nos mostra que um instinto pode passar pelas seguintes vicissitudes:

Reversão a seu oposto.

Retorno em direção ao próprio eu (*self*) do indivíduo.

Repressão.

Sublimação.

Visto que não pretendo tratar aqui³ da sublimação e que a repressão exige um capítulo especial [cf. o artigo seguinte, pág. 169], resta-nos apenas descrever e examinar os dois primeiros pontos. Tendo em mente a existência de forças motoras que impedem que um instinto seja levado até o fim de forma não modificada, também podemos considerar essas vicissitudes como modalidades de *defesa* contra os instintos.

A reversão de um instinto a seu oposto transforma-se, mediante um exame mais detido, em dois processos diferentes: uma mudança da atividade para a passividade e uma reversão de seu conteúdo. Os dois processos, sendo diferentes em sua natureza, devem ser tratados separadamente.

Encontram-se exemplos do primeiro processo nos dois pa-

¹ [Cf. 'Sobre o Narcisismo', pág. 103 acima.]

² [Cf. 'Sobre o Narcisismo', pág. 98 e seg., acima.]

³ [A sublimação já fora mencionada no artigo sobre o narcisismo (págs. 111-12), mas parece possível que constituísse o assunto de um dos artigos metapsicológicos extraviados (Ver Introdução do Editor Inglês, pág. 124.)]

res de opostos: sadismo-masquismo e escopofilia-exibicionismo. A reversão afeta apenas as *finalidades* dos instintos. A finalidade ativa (torturar, olhar) é substituída pela finalidade passiva (ser torturado, ser olhado). A reversão do *conteúdo* encontra-se no exemplo isolado da transformação do amor em ódio.

O retorno de um instinto em direção ao próprio eu (*self*) do indivíduo se torna plausível pela reflexão de que o masquismo, é, na realidade, o sadismo que retorna em direção ao próprio ego do indivíduo, e de que o exibicionismo abrange o olhar para o seu próprio corpo. A observação analítica, realmente, não nos deixa duvidar de que o masquista partilha da fruição do assalto a que é submetido, e de que o exibicionista partilha da fruição de [a visão de] sua exibição. A essência do processo é, assim, a mudança do *objeto*, ao passo que a finalidade permanece inalterada. Não podemos deixar de observar, contudo, que, nesses exemplos, o retorno em direção ao eu do indivíduo e a transformação da atividade em passividade convergem ou coincidem.

Para elucidar a situação, faz-se essencial uma investigação mais completa.

No caso do par de opostos sadismo-masquismo, o processo pode ser representado da seguinte maneira:

(a) O sadismo consiste no exercício de violência ou poder sobre uma outra pessoa como objeto.

(b) Esse objeto é abandonado e substituído pelo eu do indivíduo. Com o retorno em direção ao eu efetua-se também a mudança de uma finalidade instintual ativa para uma passiva.

(c) Uma pessoa estranha é mais uma vez procurada como objeto; essa pessoa, em consequência da alteração que ocorreu na finalidade instintual, tem de assumir o papel do sujeito.¹

¹ [Embora o sentido geral desses trechos seja claro, pode verificar-se certa confusão no uso da palavra 'sujeito'. Em geral 'sujeito' e 'objeto' são empregados respectivamente para a pessoa na qual um instinto (ou outro estado de espírito) se origina, e a pessoa ou coisa para a qual é dirigido. Aqui, contudo, 'sujeito' parece ser utilizado para a pessoa que desempenha a parte ativa na relação — o agente. A palavra é mais obviamente utilizada com esse sentido no trecho paralelo da pág. 150 mais adiante.]

O caso (c) é o que comumente se denomina de masquismo. Também aqui a satisfação segue o caminho do sadismo original, voltando o ego passivo, em fantasia, ao seu papel inicial, que foi agora, de fato, assumido pelo sujeito estranho.¹ Se existe, além disso, uma satisfação masquista mais direta, é muito duvidoso. Um masquismo primário, não derivado do sadismo na forma que descrevi, não parece ser encontrado.² Veremos que não é supérfluo presumir a existência da fase (b) pelo comportamento do instinto sádico na neurose obsessiva. Ali existe um retorno em direção ao eu do sujeito *sem* uma atitude de passividade para com outra pessoa: a modificação só vai até a fase (b). O desejo de torturar transforma-se em autotortura e autopunição, não em masquismo. A voz ativa muda, não para a passiva, mas para a voz reflexiva média.³

Nosso conceito de sadismo fica ainda mais prejudicado pela circunstância de que esse instinto, lado a lado com sua finalidade geral (ou talvez, de preferência, dentro dela) parece esforçar-se pela realização de uma finalidade bem especial — não só humilhar e dominar, como também, além disso, infligir dor. A psicanálise pareceria demonstrar que infligir dor não desempenha um papel entre as ações intencionais originais do instinto. Uma criança sádica não se apercebe de que inflige dor ou não, nem pretende fazê-lo. Mas, uma vez ocorrida a transformação em masquismo, a dor é muito apropriada para proporcionar uma finalidade masquista passiva, pois temos todos os motivos para acreditar que as sensações de dor, assim como outras sensações desagradáveis, beiram a excitação sexual e produzem uma condição agradável, em nome da qual o sujeito, inclusive, experimentará de boa vontade o desprazer da dor.⁴ Uma vez que sentir dor se transforme numa finalidade masquista, a finalidade sádica de *causar* dor também pode surgir, retrogressivamente, pois, enquanto essas dores estão sendo infligi-

¹ [Ver última nota de rodapé.]

² (*Nota de rodapé acrescentada em 1924*): Em obras ulteriores (cf. 'The Economic Problem of Masochism', 1924c), relativas a problemas de vida instintual, expressei um ponto de vista oposto.

³ [Trata-se de uma alusão às vozes do verbo grego.]

⁴ [Ver um trecho perto do final do segundo dos *Três Ensaios* (1905d), Edição *Standard* Brasileira, Vol. VII, págs. 209-10, IMAGO Editora, 1972.]

das a outras pessoas, são fruídas masoquisticamente pelo sujeito através da identificação dele com o objeto sofredor. Em ambos os casos, naturalmente, não é a dor em si que é fruída, mas a excitação sexual concomitante — de modo que isso pode ser feito de uma maneira especialmente conveniente a partir da posição sádica. A fruição da dor seria, assim, uma finalidade originalmente masoquista, que só pôde tornar-se uma finalidade instintual em alguém que era originalmente sádico.

A bem da inteireza, posso acrescentar que os sentimentos de piedade não podem ser descritos como sendo o resultado de uma transformação do instinto que ocorre no sadismo, mas carecem da idéia de uma *formação de reação* contra esse instinto. (Quanto à diferença, ver adiante.)¹

Achados bem mais simples e diferentes são proporcionados pela investigação de outro par de opostos — os instintos cuja finalidade respectiva é olhar e exhibir-se (escopofilia e exibicionismo, na linguagem das perversões). Aqui novamente podemos postular as mesmas fases como no exemplo anterior: — (a) O olhar como uma *atividade* dirigida para um objeto estranho. (b) O desistir do objeto e dirigir o instinto escopofílico para uma parte do próprio corpo do sujeito; com isso, transformação no sentido de passividade e o estabelecimento de uma nova finalidade — a de ser olhado. (c) Introdução de um novo sujeito² diante do qual a pessoa se exhibe a fim de ser olhada por ele. Também aqui dificilmente se pode duvidar de que a finalidade ativa surge antes da passiva, de que o olhar precede

¹ [Não está claro a que passagem Freud se refere, a não ser, mais uma vez, que ela estivesse incluída num artigo extraviado sobre sublimação. Há, de fato, certa discussão do assunto em 'Reflexões para os Tempos de Guerra e Morte' (1915b), pág. 318 adiante. Mas isso não pode ter sido o que Freud tinha em mente, porquanto foi publicado originalmente num volume diferente. Numa nota de rodapé acrescentada em 1915 (ano em que o presente artigo foi escrito) aos *Três Ensaíes* (1905d), Freud insiste em que a sublimação e a formação de reação devem ser encaradas como processos distintos (Edição *Standard Brasileira*, Vol. VII, pág. 183n, IMAGO Editora, 1972). — O termo alemão para 'piedade' é 'Mitleid', literalmente 'sofrendo com', 'compaixão'. Outra opinião quanto à origem do sentimento é expressa na análise do 'Homem dos Lobos' (1918b), *Standard Ed.* 17, 88, que foi realmente escrita, com toda probabilidade, no fim de 1914, alguns meses antes do presente artigo.]

² [Isto é, agente; ver nota de rodapé nas págs. 148-9.]

o ser olhado. Mas existe uma importante divergência com respeito ao que acontece no caso do sadismo, pelo fato de que podemos reconhecer no caso do instinto escopofílico uma fase ainda mais anterior à descrita em (a). Para o início de sua atividade o instinto escopofílico é auto-erótico; ele possui na realidade um objeto, mas esse objeto é parte do próprio corpo do sujeito. Só mais tarde é que o instinto é levado, por um processo de comparação, a trocar esse objeto por uma parte análoga do corpo de outrem — fase (a). Essa fase preliminar é interessante porque constitui a fonte de *ambas* as situações representadas no par de opostos resultante, uma ou outra dependendo do elemento modificado na situação original. O que se segue poderia servir de quadro diagramático do instinto escopofílico:

- | | |
|--|--|
| (α) Alguém olhando para um órgão sexual | = Um órgão sexual sendo olhado por alguém |
| (β) Alguém olhando para um objeto estranho (escopofilia ativa) | (γ) Um objeto que é alguém ou parte de alguém sendo olhado por uma pessoa estranha (exibicionismo) |

Esse tipo de fase preliminar se acha ausente no sadismo, que desde o começo é dirigido para um objeto estranho, embora talvez não fosse inteiramente absurdo compor tal fase a partir dos esforços da criança para obter controle sobre seus próprios membros.¹

No tocante a ambos os instintos que acabamos de tomar como exemplos, deve-se observar que sua transformação por uma reversão da atividade para a passividade e por um retorno em direção ao sujeito nunca implica, de fato, toda a quota do impulso instintual. A direção ativa anterior do instinto persiste, em certa medida, lado a lado com sua direção passiva ulterior, mesmo quando o processo de sua transformação tenha sido muito extenso. A única afirmação correta a fazer sobre o instinto escopofílico seria a de que todas as fases de seu desenvolvimento, tanto sua fase preliminar auto-erótica quanto sua forma ativa

¹ (Nota de rodapé acrescentada em 1924:) Cf. nota de rodapé 2, pág. 149.

ou passiva final, coexistem lado a lado; e a verdade disso se tornará evidente se basearmos nossa opinião, não nas ações às quais o instinto conduz, mas no mecanismo de sua satisfação. Talvez, contudo, seja admissível encarar o assunto e representá-lo ainda de outra forma. Podemos dividir a vida de cada instinto numa série de ondas sucessivas isoladas, cada uma delas homogênea durante o período de tempo que possa vir a durar, qualquer que seja ele, e cuja relação de umas com as outras é comparável à de sucessivas erupções de lava. Podemos então talvez figurar a primeira erupção original do instinto como se processando de forma inalterada, sem experimentar qualquer desenvolvimento. A onda seguinte seria modificada desde o início — sendo transformada, por exemplo, de ativa em passiva —, e seria então, com essa nova característica, acrescentada à onda anterior, e assim por diante. Se fôssemos então proceder a um levantamento do impulso instintual desde seu começo até um determinado ponto, a sucessão de ondas que descrevemos inevitavelmente apresentaria o quadro de um desenvolvimento definido do instinto.

O fato de que, nesse¹ período ulterior de desenvolvimento de um impulso instintual, seu oposto (passivo) possa ser observado ao lado dele merece ser assinalado pelo termo bem adequado introduzido por Bleuler — ‘ambivalência’.²

Essa referência à história do desenvolvimento dos instintos e a permanência de suas fases intermediárias deve tornar o desenvolvimento dos instintos razoavelmente inteligível para nós. A experiência mostra que a quantidade de ambivalência demons-

¹ [*Jener*]. Só na primeira edição, *‘jeder’* (‘cada’).]

² [O termo ‘ambivalência’, cunhado por Bleuler (1910b, e 1911, 43 e 305), parece não ter sido empregado por ele nesse sentido. Distinguiu três espécies de ambivalência: (1) emocional, isto é, oscilação entre o amor e o ódio; (2) voluntária, isto é, incapacidade para decidir quanto a uma ação; e (3) intelectual, isto é, crença em proposições contraditórias. Freud, em geral, emprega o termo no primeiro desses sentidos. Ver, por exemplo, a primeira ocasião em que parece tê-lo adotado, perto do final de seu artigo sobre ‘A Dinâmica da Transferência’ (1912b), e depois no presente artigo (págs. 155 e 161). A passagem do texto é uma das poucas em que ele aplicou o termo à atividade e à passividade. Para outro exemplo desse emprego excepcional, ver um trecho da Seção III da anamnese do ‘Homem dos Lobos’ (1918b), Standard Ed., 17, 26.]

trável varia muito entre indivíduos, grupos e raças. A acentuada ambivalência instintual num ser humano que vive nos dias atuais pode ser considerada como uma herança arcaica, pois temos motivos para supor que o papel desempenhado na vida instintual pelos impulsos ativos em sua forma inalterada foi maior nos tempos primevos do que é em média hoje em dia.¹

Ficamos habituados a denominar a fase inicial do desenvolvimento do ego, durante a qual seus instintos sexuais encontram satisfação auto-erótica, de ‘narcisismo’, sem de imediato travarmos um debate sobre a relação entre o auto-erotismo e o narcisismo. Segue-se que a fase preliminar do instinto escopofílico, na qual o próprio corpo do sujeito é o objeto da escopofilia, deve ser classificada sob o narcisismo, e que devemos descrevê-la como uma formação narcisista. O instinto escopofílico ativo desenvolve-se a partir daí, deixando o narcisismo para trás. O instinto escopofílico passivo, pelo contrário, aferra-se ao objeto narcisista. De maneira semelhante, a transformação do sadismo em masoquismo acarreta um retorno ao objeto narcisista. E em ambos esses casos [isto é, na escopofilia passiva e no masoquismo] o *sujeito* narcisista é, através da identificação, substituído por outro ego, estranho. Se levarmos em conta a fase do sadismo preliminar e narcisista que construímos, estaremos aproximando-nos de uma compreensão mais geral — a saber, que as vicissitudes instintuais, que consistem no fato de o instinto retornar em direção ao próprio ego do sujeito e sofrer reversão da atividade para a passividade, se acham na dependência da organização narcisista do ego e trazem o cunho dessa fase. Correspondem talvez às tentativas de defesa que, em fases mais elevadas do desenvolvimento do ego, são efetuadas por outros meios. [Ver acima, págs. 147-48.]

Nesse ponto podemos recordar que até agora consideramos apenas dois pares de instintos opostos: sadismo-masoquismo e escopofilia-exibicionismo. Estes são os instintos sexuais mais conhecidos que aparecem de maneira ambivalente. Os outros componentes da função sexual ulterior não são ainda suficientemente acessíveis à análise para que possamos examiná-los

¹ [Ver *Totem e Tabu* (1912-13), Edição Standard Brasileira, Vol. XIII, pág. 88, IMAGO Editora, 1974.]

de maneira semelhante. Em geral, podemos assegurar, em relação a eles, que suas atividades são *auto-eróticas*; isto é, seu objeto é insignificante em comparação com o órgão que lhes serve de fonte, via de regra coincidindo com esse órgão. O objeto do instinto escopofílico, contudo, embora também a princípio seja parte do próprio corpo do sujeito, não é o olho em si; e no sadismo a fonte orgânica, que é provavelmente o aparelho muscular com sua capacidade para a ação, aponta inequivocamente para outro objeto que não ele próprio, muito embora esse objeto seja parte do próprio corpo do sujeito. Nos instintos auto-eróticos, o papel desempenhado pela fonte orgânica é tão decisivo que, de acordo com uma sugestão plausível de Federn (1913) e Jekels (1913), a forma e a função do órgão determinam a atividade ou a passividade da finalidade instintual.

A mudança do *conteúdo* [cf. pág. 148] de um instinto em seu oposto só é observada num exemplo isolado — a transformação do *amor em ódio*.¹ Visto ser particularmente comum encontrar ambos dirigidos simultaneamente para o mesmo objeto, sua coexistência oferece o exemplo mais importante de ambivalência de sentimento. [Ver pág. 152 n. 2.]

O caso de amor e ódio adquire especial interesse pela circunstância de que se recusa a ajustar-se a nosso esquema dos instintos. É impossível duvidar de que exista a mais íntima das relações entre esses dois sentimentos opostos e a vida sexual, mas naturalmente relutamos em pensar no amor como sendo uma espécie de instinto componente específico da sexualidade, da mesma forma que os outros que vimos examinando. Preferiríamos considerar o amor como sendo a expressão de *toda* a corrente sexual de sentimento, mas essa idéia não elucida nossas dificuldades e não podemos ver que significado poderia ser atribuído a um conteúdo oposto dessa corrente.

O amor não admite apenas um, mas *três* opostos. Além da antítese 'amar-odiar', existe a outra de 'amar-ser amado'; além destas, o amar e o odiar considerados em conjunto são o oposto da condição de desinteresse ou indiferença. A segunda dessas

¹ [Nas edições alemãs anteriores a 1924 vem 'a transformação do amor e do ódio.']

três antíteses, amar-ser amado, corresponde exatamente à transformação da atividade em passividade e pode remontar a uma situação subjacente, da mesma forma que no caso do instinto escopofílico. Essa situação é a de *amar-se a si próprio*, que consideramos como sendo o traço característico do narcisismo. Então, conforme o objeto ou o sujeito seja substituído por um estranho, o que resulta é a finalidade ativa de amar ou a passiva de ser amado — ficando a segunda perto do narcisismo.

Talvez cheguemos a uma melhor compreensão dos vários opostos do amar, se refletirmos que nossa vida mental como um todo se rege por *três polaridades*, as antíteses

Sujeito (ego)—Objeto (mundo externo),

Prazer—Desprazer, e

Ativo—Passivo.

A antítese ego—não-ego (externo), isto é, sujeito—objeto, é, como já tivemos oportunidade de dizer [pág. 139], lançada sobre o organismo individual numa fase inicial, pela experiência de que pode silenciar os estímulos *externos* por meio de ação muscular, mas é inerte contra estímulos *instintuais*. Essa antítese permanece, acima de tudo, soberana em nossa atividade intelectual e cria para a pesquisa a situação básica que esforço algum pode alterar. A polaridade do prazer-desprazer está ligada a uma escala de sentimentos, cuja importância suprema na determinação de nossas ações (nossa vontade) já foi ressaltada [págs. 140-41]. A antítese ativo-passivo não deve ser confundida com a antítese sujeito do ego—objeto do mundo externo. A relação do ego com o mundo externo é passiva na medida em que o primeiro recebe estímulos do segundo, e ativa quando reage a eles. Ela é forçada por seus instintos a um grau bem especial de atividade para com o mundo externo, de modo que talvez pudéssemos ressaltar o ponto essencial se dissessemos que o sujeito do ego é passivo no tocante aos estímulos externos, mas ativo através de seus próprios instintos. A antítese ativo-passivo funde-se depois com a antítese masculino-feminino, a qual, até que isso tenha ocorrido, não possui qualquer significado psicológico. A junção da atividade com a masculinidade e da passividade com a feminilidade nos defronta, na realidade, com

um fato biológico, mas não é de forma alguma tão invariavelmente completa e exclusiva como tendemos a presumir.¹

As três polaridades da mente estão ligadas umas às outras de várias maneiras altamente significativas. Existe uma situação psíquica primordial na qual duas delas coincidem. Originalmente, no próprio começo da vida mental, o ego é catexizado com os instintos, sendo, até certo ponto, capaz de satisfazê-los em si mesmo. Denominamos essa condição de 'narcisismo', e essa forma de obter satisfação, de 'auto-erótica'.² Nessa ocasião, o mun-

¹ [Essa questão é examinada com muito maior amplitude numa nota de rodapé acrescentada em 1915 (ano em que o presente artigo foi escrito) ao terceiro dos *Três Ensaio*s de Freud (1905d), Edição Standard Brasileira, Vol. VII, pág. 219 e segs., IMAGO Editora, 1972. Ver também pág. 69 acima.]

² Alguns dos instintos sexuais, como sabemos, são capazes dessa satisfação auto-erótica, e assim estão adaptados a ser o veículo para o desenvolvimento sob o domínio do princípio do prazer [do 'ego da realidade' original para o 'ego do prazer'] que estamos prestes a descrever [nos parágrafos seguintes do texto]. Os instintos sexuais que desde o início exigem um objeto, e as necessidades dos instintos do ego, que jamais são capazes de satisfação auto-erótica, naturalmente perturbam esse estado [de narcisismo primordial] e dessa forma preparam o caminho para um avanço a partir dele. Na realidade, o estado narcisista primordial não seria capaz de seguir o desenvolvimento [que virá a ser descrito], se não fosse pelo fato de que todo indivíduo passa por um período durante o qual é inerte, necessitando de cuidados, e durante o qual suas necessidades prementes são satisfeitas por um agente externo, sendo assim impedidas de se tornarem maiores. — [Essa nota de rodapé muito condensada talvez propiciasse uma compreensão mais fácil se tivesse sido colocada dois ou três parágrafos mais adiante. Talvez possa ser ampliada como se segue. Em seu artigo sobre 'Two Principles of Mental Functioning' (1911b) Freud introduzira a idéia da transformação de um 'ego do prazer' inicial num 'ego da realidade'. No trecho que se segue no texto acima, Freud argumenta que existe de fato um 'ego da realidade' original ainda mais antigo. Esse 'ego da realidade' original, em vez de prosseguir diretamente para o 'ego da realidade' final, é substituído, sob a influência dominadora do princípio do prazer, por um 'ego do prazer'. A nota de rodapé enumera, por um lado, os fatores que favoreceriam essa segunda mudança de fatos, e, por outro lado, os fatores que atuariam contra ela. A existência de instintos libidinais auto-eróticos estimularia o desvio para um 'ego do prazer', ao passo que seria provável que os instintos libidinais não auto-eróticos e os instintos autopreservadores ocasionassem, ao contrário, uma transição direta para o 'ego da realidade' adulto final. Esse segundo resultado, observa ele, realmente ocorreria, se não fosse pelo fato de que o cuidado dos pais para com a criança em tenra idade satisfaz esse segundo

do externo não é catexizado com interesse (num sentido geral), sendo indiferente aos propósitos de satisfação. Durante esse período, portanto, o sujeito do ego coincide com o que é agradável, e o mundo externo, com o que é indiferente (ou possivelmente desagradável, como sendo uma fonte de estimulação). Se por enquanto definimos o amar como a relação do ego com suas fontes de prazer, a situação na qual o ego ama somente a si próprio e é indiferente ao mundo externo, ilustra o primeiro dos opostos que encontramos para 'o amor'.¹

Na medida em que o ego é auto-erótico, não necessita do mundo externo, mas, em consequência das experiências sofridas pelos instintos de autopreservação, ele adquire objetos daquele mundo, e, apesar de tudo, não pode evitar sentir como desagradáveis, por algum tempo, estímulos instintuais internos. Sob o domínio do princípio de prazer ocorre agora um desenvolvimento ulterior no ego. Na medida em que os objetos que lhe são apresentados constituem fontes de prazer, ele os toma para si próprio, os 'introjeta' (para empregar o termo² de Ferenczi [1909]); e, por outro lado, expõe o que quer que dentro de si mesmo se torne uma causa de desprazer. (Ver adiante [págs. 211 e 255] o mecanismo da projeção.)

Assim, o 'ego da realidade' original, que distinguiu o interno e o externo por meio de um sólido critério objetivo,³ se transforma num 'ego do prazer' purificado, que coloca a característica do prazer acima de todas as outras. Para o ego do prazer o mundo externo está dividido numa parte que é agradável, que

grupo de instintos, prolonga artificialmente o estado primário do narcisismo e assim ajuda a tornar possível o estabelecimento do 'ego do prazer'.]

¹ [Na pág. 154 Freud enumera os opostos do amar na seguinte ordem: (1) o odiar, (2) o ser amado e (3) a indiferença. No presente trecho, e adiante nas págs. 158 e 161, adota uma ordem diferente: (1) a indiferença, (2) o odiar e (3) o ser amado. Parece provável que nessa segunda disposição ele conceda à indiferença o primeiro lugar, por ser o que primeiro surge no curso do desenvolvimento.]

² [Esta parece ter sido a primeira ocasião em que o próprio Freud empregou o termo. Cf. a nota de rodapé na pág. 273 adiante.]

³ [Ver acima, pág. 139 e nota de rodapé 2. O 'ego da realidade' e o 'ego do prazer' já tinham sido introduzidos no artigo sobre os dois princípios do funcionamento mental (1911b).]

ele incorporou a si mesmo, e num remanescente que lhe é estranho. Isolou uma parte do seu próprio eu, que projeta no mundo externo e sente como hostil. Após esse novo arranjo, as duas polaridades coincidem mais uma vez: o sujeito do ego coincide com o prazer, e o mundo externo com o desprazer (com o que anteriormente era indiferente).

Quando, durante a fase do narcisismo primário, o objeto faz a sua aparição, o segundo oposto ao amar, a saber, o odiar, atinge seu desenvolvimento.¹

Como já vimos, o objeto é levado do mundo externo para o ego, a princípio, pelos instintos de autopreservação; não se pode negar que também o odiar, originalmente, caracterizou a relação entre o ego e o mundo externo alheio com os estímulos que introduz. A indiferença se enquadra como um caso especial de ódio ou desagrado, após ter aparecido inicialmente como sendo seu precursor. Logo no começo, ao que parece, o mundo externo, objetos e o que é odiado são idênticos. Se depois um objeto vem a ser uma fonte de prazer, ele é amado, mas é também incorporado ao ego, de modo que para o ego do prazer purificado mais uma vez os objetos coincidem com o que é estranho e odiado.

Agora, contudo, podemos notar que da mesma forma que o par de opostos amor—indiferença reflete a polaridade ego—mundo externo, assim também a segunda antítese amor—ódio¹ reproduz a polaridade prazer—desprazer, que está ligada à primeira polaridade. Quando a fase puramente narcisista cede lugar à fase objetual, o prazer e o desprazer significam relações entre o ego e o objeto. Se o objeto se torna uma fonte de sensações agradáveis, estabelece-se uma ânsia (*urge*) motora que procura trazer o objeto para mais perto do ego e incorporá-lo ao ego. Falamos da 'atração' exercida pelo objeto proporcionador de prazer, e dizemos que 'amamos' esse objeto. Inversamente, se o objeto for uma fonte de sensações desagradáveis, há uma ânsia (*urge*) que se esforça por aumentar a distância entre o objeto e o ego, e a repetir em relação ao objeto a tentativa original de fuga do mundo externo com sua emissão de estímulos. Sentimos a 'repulsão' do objeto, e o odiamos; esse ódio pode depois

¹ [Ver nota de rodapé 1, pág. 157.]

intensificar-se ao ponto de uma inclinação agressiva contra o objeto — uma intenção de destruí-lo.

Poderíamos, num caso de emergência, dizer que um instinto 'ama' o objeto no sentido do qual ele luta por propósitos de satisfação, mas dizer que um instinto 'odeia' um objeto, nos parece estranho. Assim, tornamo-nos cômicos de que as atitudes¹ de amor e ódio não podem ser utilizadas para as relações entre os *instintos* e seus objetos, mas estão reservadas para as relações entre o *ego total* e os objetos. Mas, se considerarmos o uso lingüístico, que por certo não é destituído de significação, veremos que há outra limitação ao significado do amor e do ódio. Não costumamos dizer que *amamos* os objetos que servem aos interesses da autopreservação; ressaltamos o fato de que *necessitamos* deles, e talvez expressemos uma espécie de relação adicional diferente para com eles, utilizando-nos de palavras que denotam um grau muito reduzido de amor — tais como, por exemplo, 'ser afeiçoado a', 'gostar' ou 'achar agradável'.

Assim, a palavra 'amar' desloca-se cada vez mais para a esfera da pura relação de prazer entre o ego e o objeto, e finalmente se fixa a objetos sexuais no sentido mais estrito e àqueles que satisfazem as necessidades dos instintos sexuais sublimados. A distinção entre os instintos do ego e os instintos sexuais que impusemos à nossa psicologia é dessa forma encarada como estando em conformidade com o espírito de nossa língua. O fato de não termos o hábito de dizer que um instinto sexual isolado ama o seu objeto, mas considerarmos a relação entre o ego e seu objeto sexual como o caso mais apropriado no qual empregar a palavra 'amor' — esse fato nos ensina que a palavra só pode começar a ser aplicada nesse sentido após ter havido uma síntese de todos os instintos componentes da sexualidade sob a primazia dos órgãos genitais e a serviço da função reprodutora.

É digno de nota que no uso da palavra 'ódio' não aparece essa conexão íntima com o prazer sexual e a função sexual. A relação de *desprazer* parece ser a única decisiva. O ego odeia,

¹ ['*Beziehungen*' em alemão, literalmente 'relações'. Na primeira edição essa palavra vem grafada '*Bezeichnungen*', 'descrições' ou 'termos' — parece fazer mais sentido. A palavra 'relações' na parte ulterior da frase representa '*Relationen*' no texto alemão.]

abomina e persegue, com intenção de destruir, todos os objetos que constituem uma fonte de sensação desagradável para ele, sem levar em conta que significam uma frustração quer da satisfação sexual, quer da satisfação das necessidades autopreservativas. Realmente, pode-se asseverar que os verdadeiros protótipos da relação de ódio se originam não da vida sexual, mas da luta do ego para preservar-se e manter-se.

Vemos, assim, que o amor e o ódio, que se nos apresentam como opostos completos em seu conteúdo, afinal de contas não mantêm entre si uma relação simples. Não surgiram da cisão de uma entidade originalmente comum, mas brotaram de fontes diferentes, tendo cada um deles se desenvolvido antes que a influência da relação prazer-desprazer os transformasse em opostos.

Resta-nos agora reunir o que sabemos da gênese do amor e do ódio. O amor deriva da capacidade do ego de satisfazer auto-eroticamente alguns dos seus impulsos instintuais pela obtenção do prazer do órgão. É originalmente narcisista, passando então para objetos, que foram incorporados ao ego ampliado, e expressando os esforços motores do ego em direção a esses objetos como fontes de prazer. Torna-se intimamente vinculado à atividade dos instintos sexuais posteriores e, quando estes são inteiramente sintetizados, coincide com o impulso sexual como um todo. As fases preliminares do amor surgem como finalidades sexuais provisórias enquanto os instintos sexuais passam por seu complicado desenvolvimento. Reconhecemos a fase de incorporação ou devoramento como sendo a primeira dessas finalidades — um tipo de amor que é compatível com a abolição da existência separada do objeto e que, portanto, pode ser descrito como ambivalente.¹ Na fase mais elevada da organização sádico-anal pré-genital,² a luta pelo objeto aparece sob a forma de uma ânsia (*urge*) de dominar, para a qual o dano ou o aniquilamento do objeto é indiferente. O amor nessa

¹ [O primeiro relato de Freud publicado sobre a fase oral constou de um parágrafo adicionado à terceira edição (1915) de seus *Três Ensaios*, Edição *Standard* Brasileira, Vol. VII, pág. 204, IMAGO Editora, 1972. O prefácio àquela edição data de 'outubro de 1914' — alguns meses antes de o presente artigo ter sido escrito. Ver também adiante, pág. 281 e segs.]

² [Ver 'The Disposition to Obsessional Neurosis' (1913i).]

forma e nessa fase preliminar quase não se distingue do ódio em sua atitude para com o objeto. Só depois de estabelecida a organização genital é que o amor se torna o oposto do ódio.

O ódio, enquanto relação com objetos, é mais antigo que o amor. Provém do repúdio primordial do ego narcisista ao mundo externo com seu extravasamento de estímulos. Enquanto expressão da reação do desprazer evocado por objetos, sempre permanece numa relação íntima com os instintos autopreservativos, de modo que os instintos sexuais e os do ego possam prontamente desenvolver uma antítese que repete a do amor e do ódio. Quando os instintos do ego dominam a função sexual, como é o caso na fase da organização anal-sádica, eles transmitem as qualidades de ódio também à finalidade instintual.

A história das origens e relações do amor nos permite compreender como é que o amor com tanta freqüência se manifesta como 'ambivalente' — isto é, acompanhado de impulsos de ódio contra o mesmo objeto.¹ O ódio que se mescla ao amor provém em parte das fases preliminares do amar não inteiramente superadas; baseia-se também em parte nas reações de repúdio aos instintos do ego, os quais, em vista dos freqüentes conflitos entre os interesses do ego e os do amor, podem encontrar fundamentos em motivos reais e contemporâneos. Em ambos os casos, portanto, o ódio mesclado tem como sua fonte os instintos autopreservativos. Se uma relação de amor com um dado objeto for rompida, freqüentemente o ódio surgirá em seu lugar, de modo que temos a impressão de uma transformação do amor em ódio. Esse relato do que acontece leva ao conceito de que o ódio, que tem seus motivos reais, é aqui reforçado por uma regressão do amor à fase preliminar sádica, de modo que o ódio adquire um caráter erótico, ficando assegurada a continuidade de uma relação de amor.

A terceira antítese do amar, a transformação do amar em ser amado,² corresponde à atuação da polaridade da atividade e da passividade, devendo ser julgada da mesma maneira que os casos de escopofilia e sadismo.³

¹ [Ver nota de rodapé 2, pág. 152.]

² [Ver nota de rodapé 1, pág. 157.]

³ [A relação entre o amor e o ódio foi ainda examinada por Freud, à luz de sua hipótese de um instinto de morte, no Capítulo IV de *The Ego and the Id* (1923b).]

Podemos resumir dizendo que o traço essencial das vicissitudes sofridas pelos instintos está *na sujeição dos impulsos instintuais às influências das três grandes polaridades que dominam a vida mental*. Dessas três polaridades podemos descrever a da atividade-passividade como a *biológica*, a do ego-mundo externo como a *real*, e finalmente a do prazer-desprazer como a polaridade *econômica*.

A vicissitude instintual da *repressão* constituirá assunto de uma indagação que se segue [no artigo seguinte].